

MERCADO DE PRODUTOS

1 - ALGODÃO

Queda de preços no mercado internacional de 1,5% no período de 19/03 a 26/03 e de 2,0% no mês (US\$63,00 para US\$62,00 por libra peso).

Preço recebido pelo produtor de Cr\$160.000,00/arroba, portanto acima do preço mínimo de garantia (Cr\$100.291,01/arroba) mesmo no período de colheita, face à uma quebra de safra de 32,3%, sendo 34,6% em razão da menor área plantada, compensada por aumento de 3,4% na produtividade, segundo estimativas de safra em fevereiro. Esses indicadores, principalmente de produtividade, poderão ser melhor avaliados no próximo levantamento quando a colheita estará praticamente encerrada.

Problemas de classificação do produto nas máquinas com deságios pela queda do tipo.

José Sidnei Gonçalves

2 - ARROZ

Segundo especialistas do mercado, em 1º de março de 1993, quando se iniciou o ano comercial 1993/94 o estoque remanescente da safra anterior era de 1,4 milhão de toneladas, das quais 660.000 toneladas do tipo agulhinha e 750.000 do tipo sequeiro.

O estoque do Governo, de arroz amarelão, corresponde a cerca de 500.000 toneladas do total acima mencionado, já descontadas as perdas de armazenagem.

A produção esperada para a safra 1992/93 é da ordem de 10,4 milhões de toneladas. Apesar de importações previstas em torno de 800.000 toneladas, o estoque final estimado para março de 1994 (público e privado) deverá cair para cerca de 1,0 milhão de toneladas, caso o consumo seja de 11.600.000 toneladas como se calcula. Qualquer recuperação da massa salarial tenderá a ampliar o consumo, de forma que o quadro de suprimento é apertado e o volume de importações poderá vir a ser maior.

Em março, os preços do arroz em casca,

com o início da entrada da safra nova, apresentaram quedas reais em relação ao mês anterior da ordem de 12% em São Paulo, 19% em Goiás e 3% no Rio Grande do Sul, situando-se abaixo do preço mínimo de garantia no Rio Grande e em Goiás. Apesar disso, esses preços estão acima dos praticados em março do ano passado, em termos reais.

Os produtores, que no ano passado converteram seus créditos de custeio em EGF-cov, continuam até hoje carregando os contratos. Note-se que o custo de remissão desse arroz financiado é muito superior ao preço de mercado e que os produtores vão, portanto, esperar o Governo honrar seu compromisso de compra.

Para a safra nova esse mecanismo de financiamento da comercialização será repetido.

Em março, novamente, faltou arroz amarelão no mercado paulista, o que não afetou o abastecimento devido à disponibilidade do agulhinha da safra passada, especialmente de origem uruguaia, argentina e asiática. Estimativas da Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB) indicam importações da ordem de 400 mil toneladas no ano comercial 1992/93.

Os preços reais no mercado atacadista mantiveram-se no mesmo nível de fevereiro.

Em nível de varejo houve queda real no preço do produto, da ordem de 13% em relação a fevereiro e de 22% em relação ao preço praticado em março do ano passado.

Para os próximos meses de safra, não se espera reação nos preços do produto.

Sonia Santana Martins

3 - BATATA DA SECA

A estimativa de área plantada com batata da seca no Brasil é 10% inferior a do ano passado, quando houve excesso de oferta e, portanto, preços muito baixos. No entanto, a colheita dessa segunda safra (ou seca) está proporcionando boa produtividade nas principais regiões produtoras de São Paulo, Paraná e Minas Gerais.

O que marca esse cultivo da seca é que os preços estão aquecidos em função de ser início de safra e em razão da Semana Santa, quando normalmente os preços são majorados. A expectativa é que nesta safra da seca, que normalmente tem bastante batata lisa (Baraka, Bintje, Radosa, etc.), o produto será ofertado em quantidade considerável e de boa qualidade.

Dessa forma, os preços que estiveram aquecidos em março não baixarão, mas em maio não deverá haver aumento real, dado que a safra de Tatuí, Itapetininga e região de Divinolândia entrarão em plena colheita, a qual se prolongará até julho.

Waldemar Pires de Camargo Filho

4 - CAFÉ

A cafeicultura nacional continua em processo de reestruturação da produção, iniciado com a queda dos preços internacionais após a suspensão das Cláusulas Econômicas em julho de 1989. A última tentativa, visando a reintrodução das cláusulas econômicas, ocorreu no período de 22 a 31 de março de 1993 na reunião da Organização Internacional do Café (OIC) em Londres. Com o fracasso desse encontro a tendência dos preços é decair ainda mais.

Está comprovado que a política de valorização de preço externo, através dos acordos, se a curto prazo era a única alternativa que o País dispunha para arrecadar o máximo de divisas por saca exportada (visando a industrialização), a médio e a longo prazos só acabou beneficiando os concorrentes do Brasil. (Hoje participamos com pouco mais de 20% do comércio mundial, sendo que chegamos a deter mais de 60%).

Assim, o processo de ajustamento por que passa a produção interna deve ter como principal objetivo a melhoria de produtividade e qualidade do produto.

É com esse enfoque que deve ser analisada a questão da disponibilidade de recursos da ordem de US\$860 milhões que o Governo estaria disposto a colocar à disposição do setor para custeio, comercialização e investimento. Estima-se que o setor precisaria de recursos da ordem de US\$100 milhões para

comercialização, de US\$200 milhões para melhoria da infra-estrutura produtiva (terreiros, secadores, etc.) e mais US\$600 milhões para um programa parcial de melhoria da produtividade (elevar pelo menos cerca de 600 mil hectares para a produtividade de 20 sc./ha, considerado rendimento mínimo para a sobrevivência do setor).

Considerando que esses 600 mil hectares (30% do total) são estimados dentro de uma visão bastante otimista (do ponto de vista operacional) e considerando também que os produtores encontram-se bastante pessimistas com relação ao futuro do setor, acredita-se que US\$860 milhões seriam mais do que suficientes para atender a demanda de curto prazo do setor. Essa situação se altera, todavia, se se confirmar que nesses US\$860 milhões já estariam incluídos os US\$300 milhões já aplicados no setor.

Luiz Moricochi

5 - FEIJÃO

O mercado de feijão esteve bastante aquecido em março, em função de informações de que a safra do Nordeste seria insuficiente para suprir as próprias necessidades da região, resultando em possíveis importações da Região Centro-Sul.

Diante do preço mínimo de garantia de Cr\$492.837,00/sc. 60 kg de feijão, em março, último mês de atualização da 1ª safra 1992/93 da Região Centro-Sul, o produtor paulista recebeu em média Cr\$690.000,00/sc. 60 kg (Cr\$630.000,00 a Cr\$750.000,00), ou seja, 72,5% acima do preço médio recebido em fevereiro. Contudo, em relação a março de 1992, o ganho real do produtor foi de 14%. Ademais os preços em janeiro e fevereiro estiveram muito baixos devido ao elevado nível de oferta de feijão de Santa Catarina.

A necessidade de o mercado varejista recompor estoques também pode ser responsabilizada pela alta repentina de preços. As grandes redes de supermercados aguardavam um abastecimento tranquilo com o início da colheita de feijão da região baiana de Irecê. Entretanto, com a divulgação da quebra de safra no Nordeste, os produtores da Bahia resolveram reter a produção para abastecer a região, conseguindo, assim, aquecer o

mercado.

A zona cerealista da capital continua sendo abastecida com feijão do Paraná, Santa Catarina e São Paulo. Somente na segunda quinzena de abril ocorrerão entradas de feijão da seca (2ª safra) em quantidades suficientes para garantir um bom suprimento, apesar da cultura ter sido prejudicada por chuvas e veranico durante seu ciclo de desenvolvimento. No varejo da cidade de São Paulo o feijão carioquinha em pacote foi vendido, em média, por Cr\$19.330/kg em março, 63% acima do preço médio de fevereiro, mas ainda abaixo do verificado em setembro de 1992, de Cr\$21.420,00/kg, em termos reais. Devido à onda de especulação, o preço do feijão carioquinha subiu para até Cr\$32.000,00/kg no início de abril, atingindo até 100% de aumento em apenas um mês. Essa escalada de preços deverá perder sustentação uma vez que o nível de oferta tenderá a aumentar, enquanto que a demanda indica novos sinais de retração, normalizando rapidamente o nível de suprimento.

Cabe, ainda, assinalar que na safra das águas, devido ao desestímulo provocado pelo preço mínimo (-10% em termos reais), houve uma redução da área plantada (-12,5% em São Paulo) e, entretanto, a produção aumentou (+10,5%) graças ao expressivo aumento (26,3%) na produtividade, em relação a mesma safra do ano anterior.

Para a safra da seca (1993), com os preços muito baixos na época de plantio (janeiro/fevereiro), ocorreu uma redução de 10,8% na área, estimando-se que a produção deverá ser 15,9% menor que na safra de 1992, pois a produtividade também deverá cair (-5,7%). Note-se que as chuvas impediram que mais áreas fossem plantadas. Todavia, informes mais recentes dão conta de que, estimulados pela recuperação dos preços e sem outras culturas alternativas, os produtores (principalmente grandes) teriam sido induzidos a novos plantios, de modo que a área poderá ser maior que a estimada, bem como a produtividade já que o clima tem se mostrado favorável.

Luiz Carlos Miranda

6 - MILHO

O mercado mundial de milho no ano

comercial 1992/93 (outubro de 1992 a setembro de 1993) apresenta a seguinte situação, de acordo com a estimativa de março do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA): produção mundial de 527,4 milhões de toneladas, com aumento de 9,0% em relação à temporada anterior, graças principalmente aos Estados Unidos (EUA), cuja produção (240,8 milhões de toneladas) deve crescer 26,8%; oferta total mundial de 605,2 milhões de toneladas (+7,6%) e dos EUA, de 268,8 milhões de toneladas (+17,4%); comércio mundial de 66,6 milhões de toneladas (-0,4%) e exportações norte-americanas de 41,9 milhões de toneladas (+4,2%); consumo mundial de 501,0 milhões de toneladas (+3,4%) e dos EUA de 170,1 milhões de toneladas (+5,7%); estoque final de 104,2 milhões de toneladas no âmbito mundial (+33,9%) e de 56,8 milhões de toneladas nos EUA (+103,3%). Esses dados revelam um quadro de grande oferta do cereal e de estagnação do comércio mundial, face primordialmente à situação crítica da economia da ex-União Soviética. A conjuntura do mercado externo é favorável ao Brasil na condição de importador, face à queda das cotações internacionais e do aumento dos excedentes exportáveis em países tradicionais fornecedores, como a Argentina e os Estados Unidos.

A produção brasileira de milho no ano agrícola 1992/93, de acordo com levantamento realizado pela CONAB em fevereiro, deverá atingir 28.836,4 milhões de toneladas, cerca de 8,1% menor que a da temporada anterior. Esta estimativa baseia-se no pressuposto de que a Região Nordeste produz 2,45 milhões de toneladas (com ligeiro aumento em relação ao ano passado) e que a colheita da safrinha na Região Sudeste seja da ordem de 1,44 milhão de toneladas (a mesma da temporada precedente).

A produção da primeira safra na Região Centro-Sul está estimada em 24.946,2 milhões de toneladas (-10,4% em relação a do ano anterior), a ser colhida numa área plantada de 8.871,3 milhões de hectares (-9,5% em relação à safra passada). Segundo a CONAB, a produção do Estado de São Paulo deverá ser de 2.953,9 milhões de toneladas (-15,0%), a ser colhida em 1.090,0 mil hectares (-15,0%).

Conforme o terceiro levantamento de safras, realizado em fevereiro de 1993 pelo IEA/CATI, a área plantada de milho no Estado de São Paulo atingiu 987,4 mil hectares, correspondendo a

uma retração de 3,7% em relação ao ano passado. A produção esperada é de 3.096,0 mil toneladas, ou seja, 2,4% maior que a da safra anterior, enquanto o rendimento médio esperado de 3.136 kg/ha é 6,3% maior que o obtido em 1991/92. De modo geral, a estiagem ocorrida em fins de dezembro e início de janeiro não prejudicou significativamente a produtividade da cultura em São Paulo e em outras regiões do Centro-Sul.

O primeiro levantamento da safrinha (segunda safra) no Estado de São Paulo indica um crescimento de 5,1% da área de plantio, a qual atinge 242,55 mil hectares. A produção esperada é de 501,0 mil toneladas (+1,1%), com base em produtividade esperada de 2.066 kg/ha, ligeiramente inferior (-3,8%) a do ano passado. Devido ao atraso da colheita da soja, provocado pela continuidade das chuvas, também o plantio da safrinha está sofrendo atraso, o que pode aumentar o risco da cultura. Acredita-se, apesar disso, que a expansão da área da safrinha seja maior que a constatada no levantamento de fevereiro.

O abastecimento do cereal no mercado interno prossegue em ritmo normal, com os preços recebidos pelos produtores em queda real, em março, dado ao aumento das entradas do produto da nova safra nas principais praças de consumo. O preço médio da saca de 60 kg recebido pelo produtor, em março, foi de Cr\$133.907,00 (preço mínimo de Cr\$124.756,00/saca), cerca de 12,8% maior que o de fevereiro, em moeda corrente. Descontada a inflação, medida pelo IGP-DI da Fundação Getúlio Vargas, o preço de março sofreu queda real de 11,7% e 30,5% em relação ao preço de fevereiro e janeiro de 1993, respectivamente. Em comparação com o de março de 1993, houve redução real de 5,4%. Para abril, a perspectiva é de aumento de preço real (cerca de 4%) devido à momentânea retração na oferta, pois os produtores estarão concentrando esforços na colheita de soja.

Considerando-se os preços de fevereiro a abril, a média é cerca de 7,7% inferior (em termos reais) a do mesmo período de 1992.

O consumo nacional (30,3 milhões de toneladas) deverá crescer 9% ao ano comercial março/1993 a fevereiro/1994. Para São Paulo, o consumo está estimado em 6,0 milhões de toneladas, com importação de 2,4 milhões de outros Estados

(cerca de 40% da demanda).

Alfredo Tsunehiro

7 - SOJA

A comercialização de soja vem se processando dentro de um quadro de tranqüilidade. Apesar da maior oferta, decorrente do período de safra, o mercado interno vem praticando preços acima da paridade externa, situação que deverá sofrer uma pequena alteração com o avançar da colheita (abril/maio). Isso se deve à maior capitalização dos produtores conseguida na última safra (1991/92), às vendas antecipadas do grão, cerca de 30% do total esperado para a safra 1992/93, e ao atraso na colheita devido às chuvas volumosas em fevereiro.

A previsão de uma comercialização a preços mais satisfatórios no segundo semestre (devido ao fortalecimento do mercado internacional) tem levado os produtores, na medida de suas possibilidades, a segurarem o produto. É claro que no pico da colheita em abril/maio, os preços não deverão apresentar evolução acentuada, mas a demanda tanto interna quanto externa, principalmente para o farelo de soja, poderá dar sustentação ao preço do grão. Outrossim, as condições de financiamento para a soja foram mais favoráveis que as dadas para o milho.

Internamente, os preços da soja, em março de 1993, alcançaram a média de Cr\$221.642,24/sc. contra Cr\$197.779,00/sc. do mês anterior, o que significa perda real de 12,3% ao se considerar a inflação mensal. Em relação aos preços vigentes em setembro e em março de 1992 (seis meses e um ano atrás), as perdas reais são mais elevadas, de 22,8% e 12,9%, respectivamente.

Marina Brasil Rocha

8 - TOMATE ENVARADO

Em março, as entradas de tomate na CEAGESP, com volume comercializado de 1.020.577 cx. de 25 kg, acusaram aumento de 12,7% em relação ao mês anterior. Também, o preço médio do produto, que ficou em torno de Cr\$157.200,00/cx., registrou incremento de 9,0%, o que pode ser

explicado pela predominância no mercado de produtos de melhor qualidade, oriundos da região de Apiaí, em maior proporção, e do Estado de Minas Gerais, cujas lavouras estavam em início de safra. A partir do dia 20, a pequena participação de frutos maduros no mercado com cotações mais elevadas contribuíram para pressionar o nível do preço médio para cima.

A participação do tomate de boa qualidade correspondeu a 50% do volume comercializado, a do produto de média qualidade a 30% e ao de fraca qualidade a 20%. O custo de produção foi estimado em Cr\$83.570,00/cx. e as despesas de comercialização situaram-se em torno de Cr\$17.000,00/cx., referente à embalagem e Cr\$15.000,00 de frete.

No próximo mês, a colheita deverá estar terminada nas regiões de Guapiara e Apiaí; entretanto, haverá início de safra na DIRA de Campinas, com maior intensidade. Os preços não deverão apresentar queda, devido à maior procura do produto pelos estados sulinos.

Quanto ao tomate rasteiro está havendo um deslocamento da produção para as áreas de cerrado em Minas Gerais e Goiás, onde as fábricas de polpa e derivados estão se instalando. (Já existem dez fábricas).

Lídia Hathue Ueno

9 - AVICULTURA

- Frango

A oferta de frango apresentou ligeira queda em março, refletindo menor nível de alojamento de pintos de um dia em janeiro, 160 milhões, quando comparado a janeiro de 1992 e pequeno crescimento em fevereiro (5,8%). Essa situação está promovendo melhor equilíbrio na oferta de pintinhos. A queda na produção de frango não foi, contudo, suficiente para impedir que os preços caíssem em todos os níveis de comercialização.

Para o próximo mês, segundo previsão da Associação Brasileira de Pintos de Corte (APINCO), o alojamento de pintos de um dia deverá ficar por volta de 173 milhões, o que deverá elevar a oferta e gerar queda nos preços do frango.

- Ovos

O mercado vem se mantendo firme desde o início do ano. Os avicultores de postura têm procurado reduzir as despesas, os investimentos têm sido reduzidos, conseqüentemente os níveis de produção estão controlados e adequados à realidade do mercado.

O alojamento de pintainhas vem apresentando queda gradativa, a partir de janeiro do corrente ano. Também os plantéis de postura, que no início do ano passado estavam em nível de 60 milhões de cabeças, atualmente decresceram para 54 milhões. Esta situação surtiu efeito, pois os preços dos ovos estão se elevando em nível moderado.

A expectativa para o próximo mês é de repetição do quadro atual.

Albino Eugênio Ferreira Zirlis

10 - BOVINOCULTURA DE CORTE

O comportamento do mercado de bovinos de corte no decorrer de março é semelhante ao que se verificou em janeiro e fevereiro de 1993, ou seja, preços em nível de produtor mantidos acima do esperado para o período.

A média mensal de preços de comercialização do boi gordo, nas principais praças paulistas, foi de Cr\$498.045,00 (US\$22,16) valor praticamente igual à média de fevereiro de 1993, quando comparados em termos reais, porém 16,32% superior ao de março de 1992.

O clima de incerteza sobre um novo pacote econômico é certamente um dos responsáveis pelo comportamento atípico em relação aos preços do boi gordo, já que as condições de mercado são, de certa forma, semelhantes às do ano passado, principalmente quanto a oferta de animais e as condições de pastagens, exceto pela presença mais discreta do setor exportador.

Um fato que reforça a idéia de maior procura por ativos reais e, portanto, valorizando ativos como o boi gordo e demais categorias, é a correção real de 33% no preço dos bezerros verificada nos últimos doze meses. As relações de troca entre boi gordo e boi magro, boi gordo e bezerro

estão dificultando a reposição dos animais vendidos, em decorrência da opção de segurar ativos reais, tais como os animais de reposição.

Nos segmentos atacadista e varejista não se verificaram correção real de preços. O repasse dos aumentos dos preços do boi gordo fica dificultado por implicar em redução no consumo.

O nível de US\$20,00 a US\$21,00 a arroba para vendas a vista tem dificultado o desempenho das exportações, neste início de ano, com uma queda de 33% sobre o volume exportado em janeiro de 1992. As exportações em 1993 poderão ficar abaixo dos níveis verificados no ano anterior.

Além das limitações do preço, o mercado internacional de carnes tende a reforçar o uso de barreiras não tarifárias, tais como o controle de resíduos presentes nas carnes e controle sanitário sobre doenças.

Em função desse panorama, o Governo brasileiro lançou em março uma campanha para erradicação da febre aftosa no Brasil até o ano 2000, antecipando-se à visita da comissão de fiscalização sanitária da Comunidade Econômica Européia (CEE) que virá avaliar as condições de combate às doenças infecciosas bem, como o controle de resíduos presentes na carne.

O governo dos EUA também exige provas do controle adequado da presença de resíduos na carne industrializada importada do Brasil até julho, sob pena de nova suspensão da compra de produtos nacionais.

Em resumo, os próximos meses serão decisivos para a pecuária nacional, pois o mercado externo exerce influência considerável sobre o nível de preços no mercado interno.

Carlos Roberto Ferreira Bueno

11 - LEITE

No Estado de São Paulo, o mercado de leite no início de 1993 apresentou uma sensível melhora, com o custo de produção de leite (Planilha EMBRAPA/CNPGL), mostrando taxa real de crescimento negativa e os produtores decididos a aumentar a produção.

Os produtores de leite "tipo B" são os mais

satisfeitos, uma vez que o preço real recebido nos últimos dois meses subiu 3,9% e o custo real da produção caiu em 1,2%. O mesmo vem ocorrendo com as empresas de laticínios, pois o preço real do leite pago pelo consumidor já subiu 5,7% este ano.

Para os produtores de leite "tipo C", apesar de ter havido uma redução no custo real de produção da ordem de 2%, o preço real recebido caiu em 1,3%, no mesmo período. Os laticínios, por sua vez, continuaram satisfeitos já que o preço do leite C no varejo subiu cerca de 3%.

Outro fator positivo, nos dois meses, é que os preços das vacas leiteiras com produção de até 5 litros/dia e mais de 10 litros/dia subiram 0,8% e 17%, respectivamente.

Alguns fatores que podem estar influenciando este aquecimento no mercado paulista são: a) o aumento salarial do consumidor, promovendo uma elevação na demanda; b) a decisão do Governo em retomar o programa do leite ainda neste ano, provocando expectativa de preços altos; e c) os laticínios procuram aumentar a captação do volume de leite, devido às indústrias estarem com estoques reduzidos. E, do outro lado, a oferta de leite dos produtores está menor devido às anomalias (venda de matrizes e menor investimento, desarticulando a estrutura de produção) no final do ano passado.

Portanto, em plena safra está ocorrendo falta do produto, que implica em preços mais altos. Este componente poderia ser estranho para a época, porém, no início da safra, em outubro passado, já se verificava uma queda de produção que agora está se refletindo no mercado.

Inadilza Medeiros da Silva